

INFLUÊNCIAS DA LÍNGUA MATERNA E DA LÍNGUA ESTRANGEIRA NAS MANIFESTAÇÕES INCONSCIENTES

CAMARGO, Fernanda Ferreira Vilhena de ¹; AUGUSTO, Marcela Cavallari².

doi: <https://doi.org/10.60035/1678-0795.momentum-v2n21-469>

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a influência da linguagem no processo psicoterápico de imigrantes, considerando a importância da palavra para o referencial psicanalítico. A revisão bibliográfica foi utilizada a fim de compreender a importância da temática frente a uma configuração de mundo globalizado, em que cada vez mais são observadas migrações, sejam estas voluntárias ou não. Conceitos como O Estranho (*Unheimlich*), de Freud, foram trazidos para discutir a hipótese de que uma psicoterapia realizada em língua estrangeira seria insuficiente para a dupla analítica. No entanto, foi possível analisar que as diferenças linguísticas não se trata de uma condição *sine qua non* para atingir resultados favoráveis em análise, já que a escuta aberta para o estrangeiro do outro é parte fundamental de toda análise, seja em língua materna ou não.

Palavras-chave: Psicanálise. Linguagem. Língua materna. Língua estrangeira.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the influence of language on the psychotherapeutic process of immigrants, considering the importance of the word for the psychoanalytic framework. A bibliographic review was used to understand the importance of the current theme in the face of a globalized world configuration, in which migrations are increasingly observed, whether voluntary or not. Concepts such as Freud's Uncanny (*Unheimlich*) were brought to ascertain the hypothesis that psychotherapy performed in a foreign language would be insufficient for the analytical duo. However, it was possible to observe that linguistic differences are not a *sine qua non* condition to achieve favourable results under analysis, while open listening to the other's foreigner is a fundamental part of all analysis, whether in native language or not.

Keywords: Psychoanalysis. Language. Native language. Foreign language.

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário UNIFAAT.

² Mestre em Psicologia Clínica pelo IP-USP. Docente na UNIFAAT. E-mail: marcela.cavallari@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Psicanálise sem a devida importância da palavra é uma prática impossível. Desde os estudos mais iniciais das teorias psicanalíticas aponta-se que a palavra é um dos principais meios de acesso ao inconsciente – não é à toa que a própria teoria foi elaborada através da noção de *Talking Cure*, cura pela fala, e de conceitos tão importantes como associação livre (Fochesatto, 2011), regra fundamental para a aplicação da psicanálise –.

Dessa forma, o processo de análise depende inteiramente de como o paciente se expressa a seu analista e como este entende as manifestações inconscientes do paciente, para assim trabalharem juntos na queixa e em qualquer outro conteúdo presente em sua fala. Quando analista e analisando não possuem a mesma língua materna, entretanto, há uma hesitação quanto à eficácia desse processo. Como as manifestações inconscientes estão associadas à fala, é frequente a suposição de que o inconsciente só é acessado através da língua materna (Ayouch, 2015).

Diante de um mundo globalizado, onde cada vez mais as pessoas têm deixado sua terra natal para se aventurarem em novas jornadas, buscar uma qualidade de vida melhor ou por questões de sobrevivência, como é o caso de refugiados, se torna uma questão pertinente (Bastos; Tenenbaum, 2021). Essa nova visão de mundo cria uma necessidade de adaptação ou ampliação da Psicanálise para continuar sendo transmitida.

O psicanalista, portanto, se depara com pacientes que, em estado de exílio – seja ele voluntário ou não – são levados a falarem uma língua que aprenderam após a língua materna: a língua do Outro (Bastos; Tenenbaum, 2021). Como aponta Nardi (2008), o estrangeiro em uma nova terra pode ser visto como o que vem de fora, o fora do comum, o não familiar e O Estranho – conceito *unheimlich*, proposto por Freud no texto *Das Unheimliche* em 1919, que envolve aquilo que é assustador, mas ao mesmo tempo remete ao que é conhecido, há muito familiar –. Aquilo que é novo pode facilmente tornar-se estranho e assustador (Camargo; Ferreira, 2020).

Dessa maneira, estar em um ambiente diferente de seu ambiente nativo traz diferentes experiências para o sujeito, sejam elas negativas ou positivas. Essas novas experiências acabam por criar novos significantes e, portanto, novas significações até mesmo para a aquisição da nova linguagem. Aprender uma nova língua envolve não somente aprender novas palavras, como também novos sentidos e novas possibilidades de articulação de ideias (Drânsfeld, 2016).

Para compreender as limitações da língua estrangeira para o acesso ao inconsciente, será necessário elucidar alguns aspectos, como a aprendizagem de uma nova língua e o que isso envolve para o sujeito, além das experiências no ambiente de exílio e no ambiente nativo. Tal

compreensão possibilita a reflexão de como esse processo analítico se daria numa língua que não a materna – tanto para o analista quanto para o analisando – e quais são os fatores inconscientes que estão envolvidos na aquisição de uma nova língua.

METODOLOGIA

O presente estudo tem como metodologia a revisão bibliográfica sobre os processos de linguagem para a Psicanálise, a partir de um amplo levantamento de fontes teóricas a fim de contextualizar a pesquisa e seu embasamento teórico, bem como expor a relevância do assunto pesquisado, mostrando o quanto este já foi estudado e discutido na literatura anteriormente (Prodanov; Freitas, 2013). A pesquisa bibliográfica foi realizada através da seleção de material em bancos de dados eletrônicos, como SciELO e PePSIC – Periódicos Eletrônicos de Psicologia –, além de livros de autores da Psicanálise para a compreensão de conceitos e da teoria abordada.

A forma de obtenção de dados faz com que o estudo se caracterize como uma pesquisa qualitativa. De acordo com Turato (2005), investigar um fenômeno de forma qualitativa não é diretamente o estudo do fenômeno em si, mas a significação gerada por tal fenômeno para aqueles que o vivenciam.

A pesquisa foi realizada sob o viés da teoria psicanalítica ao relacionar conceitos teóricos da psicanálise – como associação livre e a escuta, além de conceitos postulados por Freud como *O Estranho* e a própria disseminação da psicanálise – com o objeto de estudo, considerando que o que caracteriza essa abordagem teórica é a investigação da subjetividade e, portanto, o objeto de pesquisa se torna, por si só, subjetivo (Nogueira, 2004). Com um objeto de estudo subjetivo, não é possível reduzi-lo em números e em experimentos, sendo então estudado por uma análise subjetiva da vivência de cada sujeito.

1 PRIMÓRDIOS DA PSICANÁLISE – UMA TEORIA ESTRANGEIRA?

A história da psicanálise, em si, é envolta no obstáculo da linguagem. É possível perceber tal fato ao pensar nas adversidades da tradução das obras de Freud, que incluem um cuidado adicional para que alguns conceitos não sejam perdidos ao traduzi-los a um novo idioma. Segundo Veras (2009a), há uma preocupação pertinente quando se pensa sobre a tradução literal da escrita de Freud, uma vez que suas obras, se não lidas no original alemão, sempre se tratará de um Freud traduzido. Assim, a dúvida que permanece é se seria possível lidar com uma escrita freudiana a partir de traduções, questão esta que frequentemente se faz presente em notas de rodapé e prefácios – as considerações dos tradutores a respeito do tema.

Não obstante, pode-se pontuar que a transmissão e a difusão da teoria psicanalítica fizeram com que a psicanálise fosse recebida com estranheza em seus primórdios, e uma vez que ela foi concebida em língua alemã, foi considerada como uma língua estrangeira para aqueles que não tinham o alemão como língua materna. A psicanálise não foi recebida com facilidade, e um dos motivos pode ser apontado como uma forte influência de fatores linguísticos e culturais. Portanto, é possível pensar que todos fazem psicanálise em uma língua estrangeira (Kacelnik, 2008).

No entanto, o obstáculo da linguagem no que diz respeito à tradução é algo inevitável. No atual mundo globalizado, novas e antigas teorias difundem-se facilmente e nem sempre existe um problema para pensar nessas teorias de modo fidedigno. É possível perceber, não só atualmente, a quantidade de teóricos e profissionais, de modo geral, que transmitem seus conhecimentos em um novo país que não o seu de origem – e em um novo idioma, que não o seu nativo –. Psicanalistas como J-D. Nasio são exemplos que evidenciam, dentro de suas obras, a questão da linguagem: o autor argentino expõe que se aventurou na psicanálise francesa ao migrar para a França e ser supervisionado pelo próprio Lacan, posteriormente sendo convidado por ele a pronunciar uma conferência diante do auditório de seu Seminário, em uma língua diferente de sua materna (Nasio, 2003). A tarefa de propagar uma teoria em outro idioma, principalmente no início de sua jornada na França, foi descrita com dificuldade, mas não impediu o escritor de fazer seu trabalho com excelência.

A tradução das obras psicanalíticas de Freud possibilitou a transmissão da psicanálise em nível mundial, e, portanto, não se desvia de seu verdadeiro objetivo, mesmo considerando as forças deformadoras que fazem parte desse processo. Na passagem de uma língua para outra existem transformações – condensações e deslocamentos – que acabam por expor a resiliência do material linguístico (Veras, 2009a) –. No entanto, esses desvios, omissões e transformações decorrentes da passagem de uma língua para a outra não devem ser ignorados, e sim explorados, uma vez que quem se propõe a levar adiante o trabalho da transmissão coloca-se em contato com uma maneira própria de transmitir, ou seja, o tradutor renuncia voluntariamente a uma posição de saber, reconhecendo que é impossível traduzir um texto de maneira literal “sem que efeitos de inconsciente se atravessem nessa passagem e deixem nela suas pegadas” (Veras, 2009a, p. 11).

Ainda sobre a arte de traduzir, Veras (2014, p. 25) aponta a visão de autores da área da linguística, já mencionando a necessidade de reconhecer a alteridade presente nessa prática:

Desde os anos 1980, numerosos livros e artigos articulam projetos teóricos para a tradução como tarefa que vai além de uma operação estritamente linguística e propõem, como Antoine Berman, que a tradução se torne o modelo de todo processo

“interlinguístico, intercultural, interliterário [e] interdisciplinar” (1984: 291). Para esse autor, o horizonte da tradução é amplo, e não se limita à linguística ou à poética, abrangendo uma multiplicidade de domínios. Nesse contexto, a visada ética, o ato ético, consiste no reconhecimento da alteridade, e esse reconhecimento fundamenta toda troca social livre.

Dessa forma, traduzir implica reconhecer as diferenças que estão presentes em cada idioma, relacionando o elemento subjetivo de cada idioma a ser traduzido com a subjetividade da língua em que determinada teoria foi criada – não sendo considerado um obstáculo pertinente para a disseminação de tais teorias –.

Além da difusão da teoria psicanalítica e do obstáculo da tradução, é possível observar que a temática da linguagem já estava presente nos primórdios da psicanálise ao considerar que, desde a experiência inaugural de Freud, a prática psicanalítica já se revelou translinguística (Bastos; Tenenbaum, 2021). Essa afirmação pode ser elucidada levando em conta os episódios de Anna O., nos quais muitos dos sintomas histéricos estavam relacionados com o uso da língua estrangeira, sobretudo o inglês. Freud descreveu que durante meses Anna O. só falava em inglês, mesmo compreendendo o alemão (sua língua materna) falado à sua volta. Posteriormente, quando surgiu uma histeria grave e altamente complicada, nem mesmo compreendia sua língua materna, episódio que durou dezoito meses. Freud compreendeu, através de seus conhecimentos da língua inglesa, que a troca do idioma tinha a ver com seus sintomas, e, mais adiante, quando Anna O. reproduziu a cena original que fundia a raiz de seu problema, voltou a falar o alemão (Kacelnik, 2008).

Foi a partir desses episódios com Anna O. que Freud postulou a *Talking Cure*, uma vez que a partir das descrições – mesmo que em línguas diferentes – do que a paciente queria exprimir, Freud compreendeu a possibilidade de cura a partir destes relatos – até mesmo referente aos distúrbios de fala, como entremear os idiomas –:

Com o passar dos meses, Anna observa, primeiro, que falar de suas alucinações – que Freud chama ainda de “traduzir” [übersetzen] – liberta-a delas, produzindo o que batizou de uma *talking cure*, uma cura pela fala. [...] Além da eliminação de sintomas como distúrbios de visão e de audição, paralisias, anestésias, tosses, tremores... a fala acaba por funcionar como um antídoto para os próprios distúrbios de fala (Veras, 2010, p. 198).

Ao citar a Cura Pela Fala (*Talking Cure*), a psicanálise é resgatada em sua origem. Assim, com essa origem leva-se em consideração o caminho percorrido por Freud ao utilizar a escuta como uma arte, um método e uma via para formular conceitos importantes, como o de inconsciente, associação livre, transferência, atenção flutuante, entre muitos outros (Fochesato, 2011).

Segundo Fochesato (2011), a fala é o principal meio pelo qual os afetos patogênicos são eliminados, fazendo reviver então os acontecimentos traumáticos a eles ligados. Ao acessar os conteúdos inconscientes através da fala, cria-se a oportunidade de o paciente contatar-se com a força atuante da representação – o afeto acha uma saída através da fala e é então representado a uma nova cadeia associativa –. A palavra “cura”, colocada sob o termo, vem da noção de que, a partir do discurso, o afeto é dissociado da cena original recalcada, e é a ressignificação desse afeto que a fala possibilita.

Assim, reconhecendo a importância da fala, pode-se ponderar o manejo operado a partir dela. Colocada como “regra fundamental”, a associação livre corresponde a um convite ao analisando para que, através de uma fala livre, produza derivados daquilo que foi recalcado, rompendo a censura e servindo como acesso ao material inconsciente (Garcia-Roza, 2009).

Por sua vez, a transferência – que sustenta o trabalho da análise, portanto, também é advinda da fala – pressupõe que a posição simbólica assumida pelo analista garante efetivamente a situação analítica. Quando amistosa, é colocada como transferência positiva: o paciente se torna suscetível à influência do analista e, assim, abaixa as resistências e associa livremente. No entanto, essa relação amistosa pode não perdurar indefinidamente ou até mesmo não chegar a ocorrer, ocasionando dificuldades no tratamento e refletindo impossibilidades de o paciente continuar seguindo a regra fundamental, observando uma resistência (Santos, 1994). Dessa forma, a transferência está diretamente relacionada com a capacidade do paciente de comunicar-se.

Ainda sobre os manejos decorrentes da fala e, conseqüentemente, da escuta, a atenção flutuante é compreendida como a prática suplementar à do analisando de associar livremente. Dessa forma, a interpretação dos conteúdos inconscientes em análise se dá a partir da associação livre, por parte do analisando, e da atenção flutuante, por parte do analista (Celes, 2014). A atenção flutuante, portanto, é descrita por Freud (1912) como o método de fazer uso de tudo o que é dito pelo paciente, a fim de interpretar e identificar o material inconsciente oculto. Esse método corresponde em não utilizar a própria censura na escuta, além de utilizar seu próprio inconsciente como receptor na direção do inconsciente transmissor do paciente.

Diante disso, considerando as adversidades da linguagem e a importância da escuta e da fala, é comum a suposição de que um processo analítico não traria os mesmos resultados favoráveis se realizado em uma língua estrangeira, ou seja, quando analista e analisando não possuem a mesma língua materna. Isso pode acontecer tanto em relação a pacientes imigrantes, que realizam o processo de análise em outro país – falando uma língua estrangeira –, quanto ao analista (que também pode ser o imigrante), ao tentar acessar o inconsciente de seu paciente em

uma língua que não a sua nativa. A consideração popular feita a partir desse problema é que a língua do inconsciente não é atingida sem passar pela língua materna (Ayouch, 2015), no entanto, a elucidação de fatores linguísticos e inconscientes se faz necessária para compreender verdadeiramente esses obstáculos.

2 O ESTRANHO E A LÍNGUA ESTRANGEIRA – AQUISIÇÃO DE UMA NOVA LINGUAGEM

Ao trazer noções como cura pela fala e associação livre, é impossível não mencionar o pilar tão importante para os estudos psicanalíticos e para o próprio processo de análise: o inconsciente. Este “lugar” desligado da consciência faz com que o horizonte da cura surja a partir da fala e seus atos, e não da consciência alienada (Fochesato, 2011). Mesmo sendo apontado como conceito fundamental da psicanálise, nem todos concordam quanto a sua significação, extensão e seus limites, ocasião em que Garcia-Roza (2009) faz alusão à afirmação de Lacan de que “o inconsciente está estruturado como uma linguagem” e aponta que, para muitos, essa afirmação soa como uma frase em língua estrangeira – apontando, inclusive, a estranheza quanto à incompreensão do “lacanês” –.

Ainda sobre a divergência de definição do inconsciente, Garcia-Roza (2009) o coloca não como um lugar ou como uma coisa, mas uma forma – seria, então “uma lei de articulação e não a coisa ou o lugar onde essa articulação se dá” (Garcia-Roza, 2009, p. 174), completando que é definido não por seus conteúdos, mas pelo modo no qual opera. Ainda assim, o inconsciente possui conteúdos, mecanismos e uma energia específica, e, dessa forma, pode-se colocar que tais conteúdos são os representantes da pulsão que se fixam em fantasias concebidas como manifestações do desejo – este que tende a realizar-se (Cordeiro, 2010).

Segundo Kusnetzoff (*apud* Cordeiro, 2010), as representações contidas no inconsciente são chamadas de representações de coisa, representações estas que se caracterizam como fragmentos de reproduções de antigas percepções estruturadas como uma sucessão de inscrições, que operam como um arquivo sensorial. Assim, existe no inconsciente um conjunto de elementos destituídos de palavras, uma vez que tal inscrição foi realizada em uma época em que não existiam palavras – a primeira infância do sujeito –. Além disso, Freud (1915) postula que o inconsciente é atemporal, ou seja, seus conteúdos não são alterados com a passagem do tempo. Portanto, os processos inconscientes não se submetem a um tempo cronológico e linear: não há passado, presente ou futuro.

De acordo com Kacelnik (2008), a aquisição e até mesmo o esquecimento de uma língua estrangeira são frutos de aspectos inconscientes que permitem o contato com o novo e inusitado,

colocando-se, portanto, em contato com O Estranho – conceito postulado por Freud em 1919, em um texto homônimo, que diz respeito ao sentimento de estranheza e angústia perante o novo que, de certa maneira, se assemelha ao antes conhecido (Soares, 2019) –. Dessa forma, novos objetos são introjetados e, assim, pode ocorrer uma resistência à renúncia de antigos objetos – muitas vezes criando obstáculos para a comunicação em um novo idioma –.

Entender a linguagem implica entender que a língua materna, por sua vez, se trata de uma aquisição que se dá no campo familiar, portanto, é somente compreendendo que ela faz menção ao materno que é possível refletir a contradição da língua no estrangeiro. É através da língua materna que o sujeito encontra a possibilidade de dizer o seu desejo, estando ele sedimentado afetivamente pelo seu amor a essa nativa forma de expressão (Drânsfeld, 2016).

A comunicação em língua estrangeira, segundo Kacelnik (2008), traz consigo o abandono familiar daquilo que é bom e idealizado, carregando, portanto, uma dor narcísica – ainda mais àqueles que são forçados a incorporar a nova linguagem por motivos políticos, religiosos e que tenham sido obrigados a abandonar sua terra natal, carregando também a dor da perda –. Além disso, estar em contato com o estrangeiro coloca o sujeito em contato com aquilo que existe fora de si, sendo assim, este contato é marcado por uma fragilidade e uma instabilidade da própria identidade, até então entendida como inabalável (Nardi, 2008).

De acordo com Nardi (2008), o estrangeiro é, portanto, o que vem de fora e o que é incompreensível. Dessa forma, é o não familiar e *O Estranho*. O Estranho (*Unheimlich*) diz respeito à sensação de estranhamento causado pelo não familiar, que assinala a presença conjunta de vivências de estranhamento e, ao mesmo tempo, de conhecimento, uma característica daquilo que é estrangeiro e familiar simultaneamente (Kacelnik, 2008). A própria tradução do termo “O Estranho” gera uma certa incerteza no que tange à complexidade do conceito, uma vez que, no alemão, *Unheimlich* contém a palavra *Heimlich* (familiar), portanto o conceito se funde com seu oposto, fazendo com que alguns tradutores prefiram se referir ao termo como “O Infamiliar” – conceito que ao mesmo tempo engloba o familiar (Suy, 2022) –.

O psicanalista, ao se deparar com a questão do estrangeiro, pode entender que desse conceito emerge a criação de um lugar simbólico a partir do qual se nomeia aquilo que não é familiar. Então, reconhecer o estrangeiro é um movimento de linguagem, assim como a identidade (NARDI, 2008), uma vez que a aquisição de uma nova língua compreende a introjeção de novos objetos não familiares, e assim cria-se um novo lugar simbólico que engloba aquilo que não é familiar e ao mesmo tempo conhecido.

A palavra, tão importante para o processo analítico, submete a ausência, e quando não é compreendida, resulta uma dupla ausência (Kacelnik, 2008). A ausência, para a psicanálise,

pode ser compreendida em termos primitivos ao revelar a dor que a ausência da mãe provoca no bebê, e, assim, é nesse momento que o outro, ou melhor, sua ausência, é colocada na origem da dor – que Freud qualifica como situação traumática (Fernandes, 2002) –. Fernandes (2002) aponta que a ausência da mãe nos estágios primitivos representa a ausência de um escudo protetor, proteção esta que pode ser relacionada com a experiência de exílio por parte daquele que precisa emigrar de sua terra nativa, antes tão bem conhecida e não por acaso sendo chamada de “materna”.

Não apenas a ausência, mas a incompreensão da palavra simboliza também uma incompletude, podendo equivaler à perda edipiana ou à castração. Dessa maneira, aquele que aprende uma nova língua revive questões primitivas da aquisição da linguagem e vivencia a perda da ilusão de completude (Kacelnik, 2008). Segundo Drânsfeld (2016), como toda castração, lançar-se ao estrangeiro implica uma perda e um limite que propiciam uma abertura ao novo, uma vez que o sujeito precisa deixar no passado o aconchego familiar e abrir-se a significados desconhecidos. Apesar da oposição entre aquilo que é familiar e doméstico (*heimlich*) e o estranho (*unheimlich*), Freud percebe um ponto de encontro entre esses dois polos: “um lugar em que eles se tocam sem se opor; espaço em que o estranho aparece como o familiar que foi silenciado e que retorna” (Nardi, 2008, p. 8).

Segundo Ayouch (2015), bilíngues e políglotas possuem uma outra maneira de entender o mundo: ele passa a ser construído a partir de uma associação de palavras plurais às coisas, consequentemente criando uma pluralidade de redes de representações. Dessa forma, a aquisição de um novo idioma simboliza uma maneira diferente de atribuir significados às palavras e, por conseguinte, todas as particularidades que envolvem o dizer – os sentimentos, a aprendizagem e as vivências subjetivas –.

Aprender um novo idioma, portanto, não se trata apenas de adquirir uma nova língua via tradução – uma mera assimilação de um novo vocabulário, mas para além disso, é um processo de aquisição de uma nova consciência, uma nova forma de estruturar ideias e de apropriar-se de novos significados – (Drânsfeld, 2016).

2. 1 Linguagem e pensamento: sentimentos inexpressáveis em outro idioma

Levando em conta a aquisição de um novo idioma e suas particularidades – a assimilação de novas representações e não apenas a livre tradução – alguns estudos apontam a relação entre linguagem e pensamento, com a hipótese de que o pensamento é formulado, em sua totalidade, pela linguagem. Um exemplo claro é a afirmação de que brasileiros pensam em português – de uma forma calorosa e amigável – e, em contrapartida, norte-americanos

pensariam em inglês, uma língua fria, muito menos acolhedora que o português (Szczesniak, 2005).

Essa hipótese é estudada principalmente pela área da linguística conhecida pelo nome Hipótese de Sapir-Whorf – a afirmação de que linguagem e pensamento estão diretamente relacionados e, sem as palavras e os conceitos que elas trazem, sequer seria possível pensar –. No entanto, essa hipótese foi refutada ao considerar que, em certos idiomas, não existem palavras que expressem todo e qualquer sentimento, e nem por isso as pessoas o deixam de sentir. Para elucidar, Szczesniak (2005) traz a palavra “saudade”, cuja ideia de que só existe na língua portuguesa é comum. Mesmo só existindo em português, seria errôneo dizer que apenas os falantes dessa língua sentem saudade – que apenas 0,03% da população mundial conheceria tal sentimento e que o resto do mundo seria incapaz de senti-lo –.

A mesma menção é feita por Drânsfeld (2016) ao colocar que o substantivo saudade é substituído pelo verbo “faltar”, em inglês. Os falantes da língua inglesa, ao expressarem que sentem saudade, falam que sentem a falta de algo ou alguém – portanto, utilizam outras palavras para expressar um sentimento similar –. Assim, estudos mostram que há em todos os seres humanos emoções que não têm nome em todas as línguas. Outro exemplo para elucidar a colocação é que, em alemão, há uma palavra que define o sentimento de satisfação ao ver a desgraça ou o sentimento de alguém abominável – *schadenfreude* –. Apenas os alemães acharam oportuno inventá-la, entretanto, isso não impede os falantes de outras línguas de sentirem a satisfação de ver o infortúnio de alguém que o mereceu (Szczesniak, 2005).

Dessa forma, é possível afirmar que o pensamento vai muito além de encontrar a palavra correta para expressar um sentimento ou uma ação. É por esse motivo que, muitas vezes, são necessárias frases inteiras ou diferentes palavras para expressar algo que será dito – o que não acontece somente na passagem de um idioma para outro, mas também quando uma pessoa não encontra a palavra correta para se expressar e se apropria de diferentes palavras similares para fazê-lo –.

Considerando a relação entre linguagem e pensamento, o processo primário de regressão experimentado a partir da aprendizagem da língua estrangeira, bem como a plural rede de representações inconscientes, é possível perceber o valor da proposta de uma análise realizada numa língua que não a materna (Kacelnik, 2008). A prática clínica com estrangeiros, experimentada por diversos profissionais e sobretudo pesquisadores, mostra que não é apenas uma psicoterapia no idioma nativo que pode permitir uma restauração narcísica (Ayouch, 2015).

3 LÍNGUA ESTRANGEIRA: UM NOVO MECANISMO DE ACESSO AO INCONSCIENTE

Uma análise em língua estrangeira engloba pensar nas características inconscientes que incluem o familiar e o estrangeiro, porém, que podem ameaçar a condição narcísica da existência – devido à diferença –. No entanto, o novo idioma poderia fazer aparecer aspectos mais primitivos, uma vez que uma nova língua pode ser utilizada para manutenção da resistência à investigação do psiquismo (Kacelnik, 2008).

Sendo o estranho algo reprimido que retorna, ele pode ser considerado como algo secretamente familiar que foi submetido à repressão e depois voltou e, assim, trazer à tona aspectos inconscientes que só se colocam diante do deslocamento entre língua e realidade, quase impensável quando imersos na língua materna (Nardi, 2008).

Isso acontece porque, segundo Ayouch (2015), na língua materna são construídas representações de palavras sobre as representações de coisa, construção realizada de maneira consciente – a criança, ao aprender a falar, compreende que certas palavras representam certas coisas –. No entanto, essa aprendizagem faz com que a língua materna seja capaz de nublar e velar tais representações, e a aquisição de uma língua estrangeira, por sua vez, fragiliza a possibilidade do idioma nativo de velar e dissimular tais coisas.

Veras (2009b, p. 116) explica a influência da língua materna a respeito das representações iniciais e da capacidade de velar, mencionada acima, ao citar o linguista e psicanalista Jean-Claude Milner:

Jean-Claude Milner (1978), linguista e psicanalista, define língua materna como aquilo de que justamente a linguística não trata, porque excede gramáticas e teorias, e pertence ao eixo da poesia, dos lapsos, dos jogos de palavras. Essa língua pode ser qualquer língua que materno um falante, que faça dele sujeito. Essa língua primeira é aquela que vai ser recalçada pelas leis da língua que captura a criança em suas malhas. A língua impõe sua lei, e escapar dela só é possível de duas maneiras: tecendo-a de forma a burlar essas leis, formar novas palavras, fragmentá-las em lugares inesperados... o que pode ser reconhecido como arte; ou saindo dela de modo perturbador, desconcertante, não dizendo “coisa com coisa”, e ser reconhecido, então, como louco.

Dessa forma, a língua materna traz consigo significações que remetem ao desenvolvimento primário do sujeito, além de um local onde tudo aquilo que é aprendido nos primeiros anos de vida é representado por essa nativa forma de comunicação: a língua materna é pertencente ao indivíduo e, de certa forma, um patrimônio. Quando o bebê nasce e, ao longo do seu desenvolvimento, ele conhece uma voz e é através dela que aprende a representar todas as coisas à sua volta:

[...] há uma voz que prima, plena de música, que introduz na criança o sopro criador de falantes, e a criança recebe de sua mãe essas vibrações harmônicas, cintilantes,

mutantes, da fala – acordossom. Esse primeiro tempo vai tornar-se depois o tempo de todas as nostalgias que vão alimentar as fantasias infantis no adulto, assim como alimentaram e alimentam os grandes mitos da humanidade (Veras, 2009b, p. 117).

Ao experienciar a clínica do estrangeiro, Ayouch (2015) afirma que foi confrontado a uma revitalização da língua materna pela língua estrangeira, ao perceber que seus pacientes recorriam à língua estrangeira para se reconstituir psiquicamente, afastando as defesas da língua materna. O autor, que é poliglota, possibilitava aos pacientes se expressarem no idioma que preferissem, assim podendo observar quando a língua estrangeira ou a língua materna era evocada. Um exemplo claro pode ser observado quando um bilíngue ou poliglota, em análise ou não, consegue se expressar adequadamente apenas evocando sua língua estrangeira.

Assim, a língua estrangeira é frequentemente usada em análise com a finalidade inconsciente de reapropriar a língua materna, através de um trabalho de reparação de traumas que aconteceram, de certa forma, no idioma nativo. Logo, o novo idioma pode servir como um novo meio de acesso ao inconsciente, uma vez que seria responsável por confortar, sustentar e reparar a língua nativa traumatizada, permitindo também revelar aquilo que se fechou na língua materna (Ayouch, 2015).

Dessa forma, pode-se entender a questão da dualidade entre língua materna e língua estrangeira ao acessar o inconsciente de duas maneiras: 1) a língua materna sendo a principal forma de revelar o inconsciente por estar impregnada de imagens precoces e imagens oníricas, tendo defesas mais estruturadas; e 2) em língua estrangeira o inconsciente está mais desarmado com mecanismos de defesas menos articulados na verbalização – dessa forma, há maior transparência por conter menos recursos de simbolização – (Kacelnik, 2008).

DISCUSSÃO

Trazer a relação entre linguagem e inconsciente, principalmente no que tange a uma língua estrangeira, carrega consigo a dualidade de pensar que o inconsciente só é acessado através da língua materna e, por outro lado, pensar na amplitude que a aquisição de uma língua estrangeira acrescentaria aos conteúdos inconscientes. Dito isso, inúmeras posições podem ser tomadas acerca dessa temática: aqueles analistas e/ou pacientes imigrantes que preferem manter uma análise em língua nativa – com o advento da internet e da psicoterapia *on-line* – como aqueles que estão dispostos a se aventurar, ou aventurar seus inconscientes, a serem analisados (ou analisarem) em língua estrangeira.

É possível notar que aqueles que estariam dispostos a analisarem ou serem analisados em língua estrangeira possuem um vasto conhecimento da segunda língua, muitas vezes porque

já estão em contato com ela há um tempo considerável e têm seu cotidiano repleto pelas manifestações linguísticas do estrangeiro: quando a imigração se deu, por exemplo, ainda na primeira infância. Dessa forma, as representações de coisa foram formadas também em contato com a língua estrangeira, criando a nova consciência (e também conteúdos inconscientes) quase simultaneamente aos processos que teriam sido formados no âmbito familiar e materno.

Durante a infância, o sujeito se encontra em processo de elaboração de um repertório singular através do qual possa se comunicar: enunciar e relatar a si mesmo. A dinâmica migratória, portanto, convoca o sujeito a se ver e ver o mundo a partir de novos símbolos, ampliando as possibilidades narrativas (Nolasco; Castelli; Mountian, 2021).

Para algumas pessoas, o materno também engloba o estrangeiro, uma vez que foram exilados de seu país de origem ainda quando estavam reconhecendo o ambiente familiar, ou até mesmo antes de poder chamá-lo de lar. DeBiaggi (2008) aponta que a globalização permitiu que as identidades daqueles que não residem em seu país de origem se tornassem mais plurais e menos fixas, uma vez que o contato com novas culturas descentraliza uma identidade que se fecharia na cultura nacional.

Segundo Ayouch (2015), para alguns imigrantes, a língua estrangeira atua na formação ou na resolução de sintomas porque não se trata apenas de uma nova língua, mas de novas entidades e novos significantes para as redes inconscientes, uma vez que se assemelham a qualquer outra especificidade do país de acolhimento: um novo rosto, um novo hábito culinário e os novos aspectos culturais incorporados à identidade do sujeito. Dessa forma, para esses sujeitos, a língua estrangeira pode ser utilizada como mecanismo de acesso ao inconsciente no processo analítico.

No entanto, quando a migração acontece após a primeira infância, o sujeito já possui os símbolos do país de origem bem formados e compreendidos, e assim pode-se criar um impasse no que tange a apegar-se defensivamente aos valores do país de origem, não encontrando pontos de ancoragem para se situar no país de acolhida (Nolasco; Castelli; Mountian, 2021).

Assim, alguns imigrantes não atribuem aspectos positivos à experiência de migração e seus envoltórios. Prengler (2019 *apud* Marcano, 2020) aponta que migrar é um processo complexo que envolve a perda de lugar, da história pessoal, do sentimento de pertencimento, da identidade, da vida cotidiana e da linguagem. Dessa forma, a migração é colocada como um desenraizamento da terra de origem, da família, dos amigos e do trabalho, deixando profundas feridas psíquicas que permanecem por toda a vida. Por esses motivos, pode-se compreender que migrar é uma experiência subjetiva, e com a colocação anterior, é possível relacionar as

experiências mencionadas com migrações que acontecem tardiamente – após o vínculo com a terra natal já ter se formado e, portanto, exilar-se significaria “deixar para trás” –.

Tendo em vista a subjetividade e as diversas experiências enfrentadas por aqueles que se aventuram no estrangeiro, a clínica com políglotas e multilíngues, de acordo com Ayouch (2015), é marcada principalmente pela transferência: ela quem cria as condições para a escuta, independentemente da língua. Além disso, o inconsciente é e sempre será inconsciente, independentemente da língua ou da cultura (Kacelnik, 2008).

O tratamento psicanalítico tem como objetivo articular a verdade do desejo do sujeito a partir de sua fala, e por esse motivo a associação livre é proposta como regra fundamental – o discurso é o único caminho para essa verdade –. A palavra é responsável por endereçar o desejo à escuta do analista e, portanto, deve-se compreender a forma como o discurso e a linguagem operam, caso contrário não se compreende a própria teoria psicanalítica (Drânsfeld, 2016).

A palavra, independentemente do idioma, é reconhecida como entidade que possibilita a subjetivação, a simbolização de afetos e de experiências. Assim, para a psicanálise, ela é colocada como possibilidade de compreensão do sofrimento humano, e, por isso, atribui-se a tarefa que se compreende como método e técnica: estar aberto à singularidade deste outro que fala e, além disso, utilizá-la para ir ao encontro dessa demanda de ajuda – produzir palavras que representem ações terapêuticas para a palavra inicial, que correspondia a um pedido de ajuda (Macedo; Falcão, 2005).

Assim sendo, a escuta através da atenção flutuante, independentemente do idioma de origem, deve ser esperada em qualquer processo psicoterápico que se compreenda como psicanalítico. Única ou plural, uma língua abrange numerosas vias associativas, vias que se revelam úteis ao analista por favorecerem uma escuta de numerosos discursos e experiências. Não obstante, mesmo que a área do psicanalista seja formulada pelos efeitos da linguagem, não é só estruturada por eles: há também os efeitos do corpo e da intersubjetividade, fazendo com que o discurso do inconsciente seja formado para além da linguagem (Ayouch, 2015).

O analista, esvaziando-se de si mesmo para conter o outro, faz o mesmo que um tradutor ao se deparar com uma obra original a ser traduzida. Tanto a tradução quanto o processo analítico em língua estrangeira compreendem-se como a possibilidade de esvaziar-se das próprias significações e lançar-se ao mistério dos inúmeros sentidos que vão além das demandas da língua materna (Drânsfeld, 2016), uma vez que cada idioma possui sua própria subjetividade, assim como cada analisando. A arte de traduzir pode se comparar à arte de analisar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o estrangeiro no atual mundo globalizado é imprescindível para que as práticas clínicas continuem se atualizando, levando em conta a diversidade cultural existente. Devido às muitas migrações, a clínica psicanalítica se torna também política, uma vez que sofre os males de um tempo (Dransfeld, 2016) e possui como premissa lidar com o sofrimento subjetivo – o que enquadra os sofrimentos gerados devido ao contato com o estrangeiro –.

Estar em contato com o estrangeiro, portanto, envolve o sentimento de estranheza ao entrar em contato com aquilo que é familiar e não familiar ao mesmo tempo, e assim o exílio de uma terra materna carrega consigo essa dualidade que simultaneamente possui um ponto de encontro entre si: o estrangeiro pode encontrar na linguagem um lugar inconsciente que revela os aspectos antes recalcados e reprimidos na língua materna, utilizando a língua estrangeira como força reparadora para verbalizar os eventos traumáticos que aconteceram no materno.

Ainda assim, a temática da linguagem envolve inúmeras considerações a respeito do tema, uma vez que é uma área abrangente e que exige o constante aprofundamento. Se a linguagem é uma temática complexa, relacioná-la com o pensamento exige ainda mais estudos e contribuições, pois as tecnologias ainda não permitem definir onde acaba o pensamento e onde começa a palavra que o exprime (Szczesniak, 2005). Portanto, mais estudos sobre as interferências linguísticas no inconsciente se mostram necessários diante da complexidade do tema e do atual mundo globalizado, onde cada vez mais é observado o sofrimento daqueles que migram – sendo imprescindível contemplá-los em processos analíticos –.

Dessa forma, dizer se as manifestações inconscientes são afetadas pela passagem da língua materna para a língua estrangeira envolve pensar subjetivamente na experiência de exílio de cada um que precisa vivenciá-lo. Entrar em contato com o estrangeiro envolve entrar em contato consigo mesmo em uma diferente perspectiva, que não aquela que é aconchegante e familiar, portanto, é conveniente dizer que cada um a experencia de seu próprio jeito – afetando, então, sua relação com a linguagem e a possibilidade de aventurar-se em deixar seu inconsciente ser analisado em língua estrangeira –.

REFERÊNCIAS

AYOUCHE, T. Clínica psicanalítica da língua: vias associativas interlinguísticas, tradução e transferência. **Estudos de Psicologia**, Campinas, vol. 32, n. 1, p. 97-107, jan. 2015.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Zz9QYQfWcgdLbd3bLZ7FtmG/?lang=pt>.

Acesso em: 26 jul. 2022

BASTOS, A; TENENBAUM, D. Psicanálise em língua estrangeira e espaço público. *In*: FERREIRA, F. P.; VERTZMAN, J. (orgs). **O Público na Psicanálise**. Curitiba: Appris, 2021.

CAMARGO, S. de A.; FERREIRA, N. P. O estranho na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 81-94, jun. 2020. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2176-48912020000100008.

Acesso em: 19 abr. 2022

CELES, L. A. M. Revisitando o método freudiano de psicanálise: impasses e transformações ensejadas pelo Eu. **Cadernos de psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 11-29, 2014.

Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100001)

[62952014000100001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952014000100001). Acesso em: 07 set. 2022

CORDEIRO, E. F. O inconsciente em Sigmund Freud. **Psicologia**. pt, 2010. Disponível em:

<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>. Acesso em: 09 set. 2022

DEBIAGGI, S. D. Psicanálise, globalização e interculturalidade. **Boletim Formação em Psicanálise**, São Paulo, v. 16, p. 97-108, 2008. Disponível em:

[https://www.academia.edu/download/66418798/Psicanalise_globalizacao_e_interculturalida2021](https://www.academia.edu/download/66418798/Psicanalise_globalizacao_e_interculturalida20210421-11730-1coa6oo.pdf#page=97)

[0421-11730-1coa6oo.pdf#page=97](https://www.academia.edu/download/66418798/Psicanalise_globalizacao_e_interculturalida20210421-11730-1coa6oo.pdf#page=97). Acesso em: 12 set. 2022

DRÂNSFELD, B. J. **My house não é sua casa**: as fronteiras da escuta na clínica psicanalítica. 2016. 51f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Departamento de

Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/3736>.

Acesso em: 26 jul. 2022

FERNANDES, M. H. Entre a alteridade e a ausência: o corpo em Freud e sua função na escuta do analista. **Percursos**, v. 29, n. 2, p. 51-64, 2002. Disponível em:

[http://www.sedes.org.br/Departamentos/psicossomatica_psicanalitica/entre_a_alteridade_e_a_](http://www.sedes.org.br/Departamentos/psicossomatica_psicanalitica/entre_a_alteridade_e_a_ausencia_o_corpo_em_freud_maria_helena_fernandes.pdf)

[_ausencia_o_corpo_em_freud_maria_helena_fernandes.pdf](http://www.sedes.org.br/Departamentos/psicossomatica_psicanalitica/entre_a_alteridade_e_a_ausencia_o_corpo_em_freud_maria_helena_fernandes.pdf). Acesso em: 01 set. 2022

FOCHESATTO, W. P. F. A cura pela fala. **Estudos de psicanálise**, n. 36, p. 165-171, 2011.

Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300016)

[34372011000300016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300016). Acesso em: 24 nov. 2021

FREUD, S. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico. *In*: IANNINI, G;

TAVARES, P. H. (orgs.). **Obras Incompletas de Sigmund Freud**: Fundamentos da clínica psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FREUD, S. **O inconsciente**. Obras completas, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

KACELNIK, J. Em que língua teria Édipo conversado com a esfinge? **Ide**, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 98-104, dez. 2008. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200018.
Acesso em: 10 nov. 2021

MACEDO, M.; FALCÃO, C. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65-76, jan./jun., 2005. Disponível em: <
<https://www.redalyc.org/pdf/307/30715905.pdf>. Acesso em: 12 set. 2022

MARCANO, Serapio. Migração e trauma: Uma visão a partir da psicanálise e da experiência pessoal. **Revista Latino-Americana de Psicanálise**, v. 34, p. 110, 2020. Disponível em:
https://calibanrlp.com/wp-content/uploads/2020/10/caliban-18-Fronteiras-pt_compressed.pdf#page=58. Acesso em: 12 set. 2022

NARDI, F. S. de. A estranha relação do sujeito com a língua materna: algumas reflexões sobre língua e identidade. In: MITTMANN, S., GRIGOLETTO, E., CAZARIN, E., A. (orgs). **Práticas discursivas e identitárias**. Ensaios PPG Letras UFRGS. Porto Alegre: Nova Prova Editora, , 2008. p. 124-136 Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000200018.
Acesso em: 10 nov. 2021

NASIO, J. D. **Um psicanalista no divã**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

NOGUEIRA, Luiz Carlos. A pesquisa em psicanálise. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 83-106, jan. 2004. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psup/a/nMGDnFmKgySBkGkdshtfzPg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2023.

NOLASCO, L. R.; CASTELLI, A. C.; MOUNTIAN, I. “Outras crianças”: nossos discursos. Reflexões sobre a clínica com crianças imigrantes: Reflections on the clinic with immigrant children. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 509-519, 2021. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/172978>. Acesso em: 12 set. 2022

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, M. A. A transferência na clínica psicanalítica: a abordagem freudiana. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 13-27, ago. 1994. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 set. 2022.

SOARES, L. A. Das Unheimliche ou “O Estranho”, de Freud. **Abusões**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, p. 9-39, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/42193>. Acesso em: 26 ago. 2022

SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

SZCZESNIAK, K. O retorno da hipótese de Sapir-Whorf. **Ciência hoje**, v. 36, n. 214, p. 63-65, 2005. Disponível em: <http://jhpr.webs.uvigo.es/teoria/sapir-ch.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, p. 507-514, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/qtCBFFfZTRQVsCJtWhc7qnd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 ago. 2022

VERAS, V. A tradução e sua relação com o inconsciente: transmitir a psicanálise. **Tradução em Revista**, v. 7, p. 01-12, 2009a. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/14726/14726.PDF>. Acesso em: 05 jul. 2022

VERAS, V. Da loucura da tradução à tradução da loucura: formas de se outrar. **Revista Linguagem em Foco**, v. 2, n. 3, p. 193-204, 2010. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1731>. Acesso em 12 ago. 2022

VERAS, V. O estrangeiro na língua materna: (não) desejar as coisas alheias. **Revista Polyphonia**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 111-124, 2009b. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sv/article/view/6074>. Acesso em: 12 ago. 2022.

VERAS, V. Um elogio da tradução. In: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane (orgs.). **Vozes da tradução: éticas do traduzir**. São Paulo: Humanitas, 2014. p. 21-38. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Viviane-Veras/publication/303047600_Um_elogio_da_traducao/links/573614a208ae298602e09f94/U-m-elogio-da-traducao.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022